



CONAHP

Congresso Nacional
de Hospitais Privados **2024**

A EDIÇÃO DOS
RECORDES!

PALCO

ASSISTENCIAL



anahp
associação nacional
de hospitais privados

HÁ 23 ANOS PROMOVENDO
QUALIDADE E ÉTICA NA SAÚDE



CONAHP 2024:

A maior edição da história em tamanho, público e inovação

O Conahp 2024 já começou sendo considerado uma edição recordista. O evento cresceu em tamanho e em público, ocupando 3 pavilhões do Transamerica Expo Center (ou 16 mil m²), em São Paulo, e contou com a presença de 6.430 pessoas. Além disso, neste ano o maior congresso de saúde do Brasil incluiu mais um palco em sua programação – totalizando 6 espaços para debates sobre diferentes aspectos do setor de saúde,

contou com um hospital do futuro interativo montado dentro do evento e somou mais de 160 parceiros e patrocinadores que levaram diferentes soluções para a feira de exposição e networking do evento.

Nos dias 16 e 17 de outubro, o Conahp recebeu autoridades, como a ministra da Saúde, Nísia Trindade, parlamentares, conselheiros da Associação Nacional de Hospitais Privados – Anahp, representantes

de todos os elos da saúde, além de lideranças e personalidades da saúde nacional e internacional, que marcaram presença entre os congressistas e nos palcos.

Todo o conteúdo do congresso foi dividido entre o Palco Central e outros cinco temáticos: Saúde do Futuro, Inovação, ESG, Assistencial e Pessoas. **Neste e-Book você encontrar a cobertura completa do Palco Assistencial.**

PALCO

ASSISTENCIAL

Com o paciente no centro do debate e com uma visão global, este palco buscou abordar a evolução do cuidado, a importância do autocuidado e saúde integrativa.

Confira, a seguir, cobertura dos debates do Palco Assistencial do Conahp 2024.





Marcelo Alvarenga (SOBREXP), Jason Wolf (Beryl Institute), Dario Ferreira (Kora Saúde) e Camila Sardenberg (Rede Santa Catarina) participaram de painel no Conahp 2024.

Humanização deve ser prioridade para aprimorar a experiência do paciente

O painel “Envolvimento do paciente no processo de cuidado: evoluções e desafios” provocou a reflexão sobre a importância de reconhecer o paciente como protagonista na sua jornada assistencial, e como isso é fundamental para aprimorar os serviços e alcançar melhores desfechos. Para Jason Wolf, presidente e CEO do Beryl Institute, está na hora de transformar a experiência na saúde priorizando a humanização do cuidado.

Wolf destacou que, embora a segurança seja uma premissa básica, pacientes e familiares esperam mais do que isso.

“Eles também querem comunicação clara, escuta ativa e acolhimento. Tratem-me primeiro como ser humano, depois como paciente”, resumiu. E esclareceu que uma experiência só é positiva e significativa de fato quando está alinhada às expectativas e desejos de cada pessoa. “Por isso é indispensável compreender o que realmente importa para cada indivíduo e comunidade”, afirmou.

O especialista abordou a necessidade de engajamento dos profissionais de saúde e de uma visão sistêmica do cuidado, que alcance além dos protocolos rí-

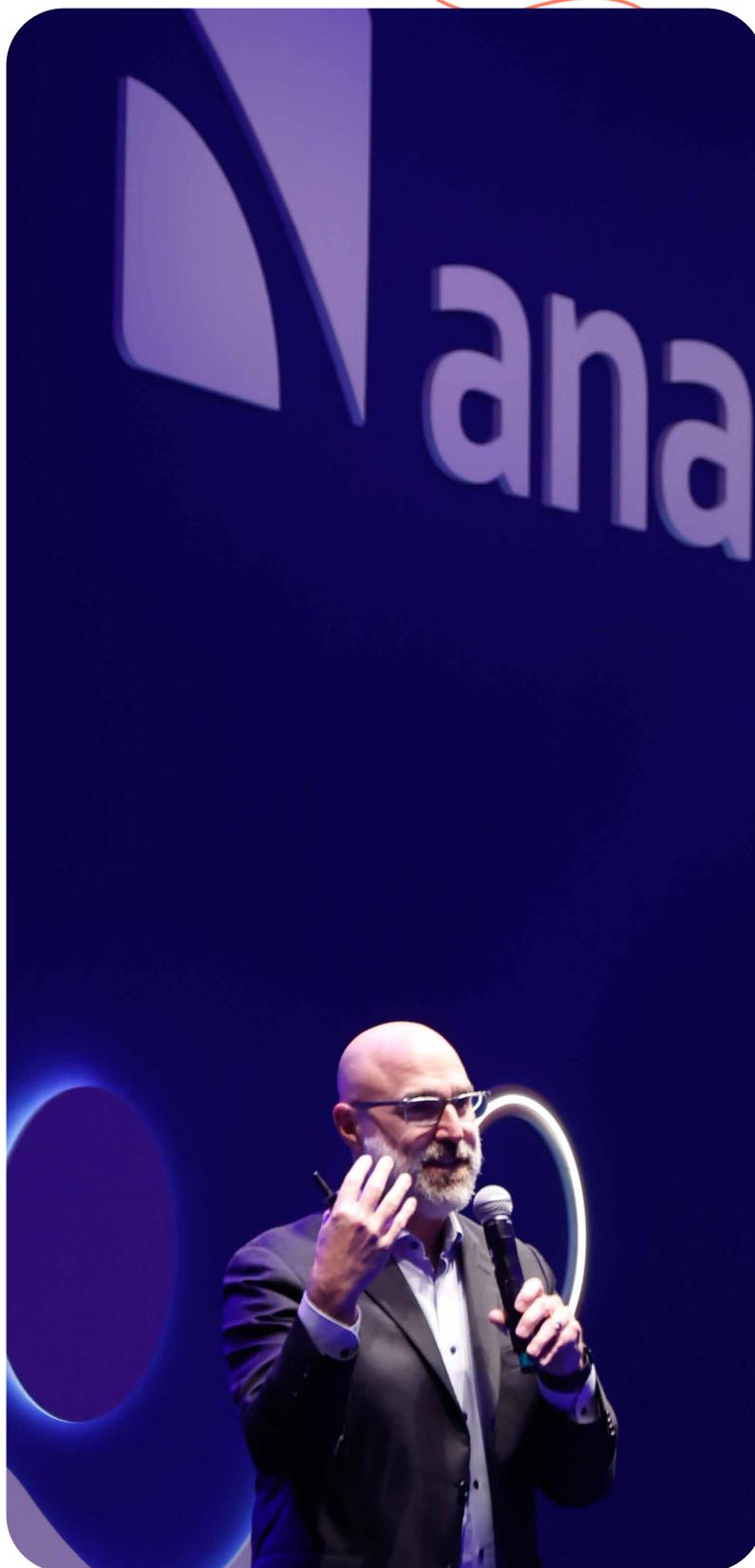
gidos. “É preciso partir do princípio de que todas as pessoas envolvidas no atendimento, independentemente da sua função, podem fazer a diferença na jornada do paciente”, explicou. E concluiu que uma experiência humanizada é o alicerce para bons desfechos clínicos e resultados duradouros.

Camila Sardenberg, diretora técnica de Saúde e Assistência da Rede Santa Catarina, complementou enfatizando a relevância das relações humanas na saúde. Ela comparou a experiência de estar doente e a jornada assistencial a uma viagem em “território desco-

nhecido”, fragmentado e difícil de compreender. E alertou que é necessário avaliar e construir melhor essas conexões, além de aprimorá-las ao longo do tempo, para criar um ambiente de confiança e bem-estar para pacientes e profissionais.

Dario Ferreira, diretor médico corporativo da Kora Saúde, falou sobre a integração do cuidado e a participação ativa do paciente nas decisões sobre seu tratamento. Ele ponderou que, para isso, é fundamental fornecer informações claras e capacitar os indivíduos a entenderem suas condições de saúde, e ainda apontou os desafios impostos pela fragmentação, tanto dentro dos hospitais quanto entre os diferentes níveis de atenção. “Precisamos avançar em uma abordagem integrada para superar essas barreiras”, recomendou.

Por fim, Marcelo Alvarenga, presidente da Sociedade Brasileira de Experiência do Paciente e Cuidado Centrado na Pessoa (SOBREXP), reforçou a necessidade de reconectar os profissionais de saúde ao seu propósito e criar ambientes que incentivem comportamentos alinhados ao cuidado centrado na pessoa. “Aprimorar a experiência do paciente é uma construção coletiva, na qual cada ator tem um papel importante”, finalizou.



Durante sua apresentação, Wolf disse acreditar que está na hora de transformar a experiência na saúde priorizando a humanização do cuidado.



No Palco Assistencial, Claudia Laselva (Einstein), Maurício Jordão (Hospital Nove de Julho), Fátima Gerolin (Hospital Alemão Oswaldo Cruz), Elizabete Mitsue (Dasa) e Aline Albuquerque (Instituto Brasileiro de Direito do Paciente) falaram sobre a importância do paciente com voz ativa.

Participação do paciente é peça fundamental na transformação da assistência

Dar voz ao paciente e incluí-lo como parte ativa no planejamento e na avaliação dos seus cuidados é um passo essencial para a evolução e transformação da assistência. Entretanto, ainda é necessário superar inúmeros desafios para a incorporação plena desta prática pelo setor de saúde. A palestra “Ampliando a voz do paciente na transformação da assistência médica” debateu como as organizações estão trabalhando para superar essas dificuldades.

Claudia Laselva, diretora de Serviços Hospitalares e Práticas Assistenciais da Sociedade

Beneficente Israelita Brasileira Albert Einstein, abriu a sessão destacando que o modelo tradicional, no qual o paciente é passivo, já não atende às demandas. “Precisamos entender que incluí-lo nas escolhas não é só um ato de cortesia, mas uma necessidade para promover uma assistência mais segura, qualificada e humana”, afirmou.

Aline Albuquerque, diretora-executiva do Instituto Brasileiro de Direito do Paciente, trouxe uma perspectiva crítica sobre a falta de escuta ativa nas interações entre médicos e pacientes. Segundo ela,

pesquisas mostram que “a argumentação do paciente é interrompida, em média, após 11 segundos do início da consulta, e apenas 12% do tempo é dedicado à interação com ele”. Ela ressaltou que a qualidade do cuidado depende do conhecimento técnico dos profissionais e do relato experiencial do paciente, uma coisa complementa a outra. E reforçou que “o paciente tem o direito de decidir sobre a própria saúde”.

Maurício Jordão, diretor médico do Hospital Nove de Julho, abordou a importância de promover uma comunicação

eficaz e investir na educação. Também destacou a necessidade de rever os modelos de pagamento e de criar incentivos para que os profissionais incorporem práticas de comunicação mais abertas. “O médico precisa estar preparado para lidar com pacientes que chegam com informações atualizadas, e isso exige humildade para admitir quando não se sabe algo”, enfatizou.

Fátima Gerolin, do Hospital Alemão Oswaldo Cruz, trouxe exemplos práticos de como a centralidade do paciente é exercitada em sua organização. Ela mencionou a criação de um conselho consultivo de pacientes e familiares, bem como a formação de um grupo de embaixadores da experiência do paciente. “Estamos capacitando nossos médicos para conduzir diálogos mais

significativos com os pacientes”, afirmou.

Elizabete Mitsue, diretora de Governança Assistencial Corporativa e Experiência do Paciente na Dasa, reforçou a necessidade de integrar a tecnologia com a participação ativa dos pacientes, e finalizou: “Hoje, se não ouvirmos o paciente, provavelmente vamos errar”.



Durante painel no Palco Assistencial, palestrantes falam sobre o protagonismo do paciente na jornada de saúde.

Falta de informação e vulnerabilidades sociais prejudicam o protagonismo do paciente

O protagonismo do paciente na sua jornada de saúde é essencial para melhorar os desfechos clínicos e promover uma assistência mais humanizada e eficiente. Com essa premissa e moderação de Martha Oliveira, CEO da Laços de Saúde, especialistas discutiram os desafios e soluções para conseguir colocar em prática ações que viabilizem uma mudança de mentalidade nessa direção.

De início, os participantes convencionaram que o protagonismo vai além da simples participação do paciente, e exige apoio consistente das instituições e profissionais de saúde.

Luciana Holtz, fundadora e presidente do Instituto Oncoguia, enfatizou que é preciso munir as pessoas com informações úteis e de qualidade. “Mais do que colocar o protagonismo unicamente nas mãos do paciente, temos que criar uma cultura de apoio, estendendo a mão para ajudá-lo a navegar por um sistema complexo e burocrático”, avaliou. E reforçou que o papel das instituições é promover uma jornada assistida e criar o cenário ideal para a transformação acontecer de forma conjunta.

Daniel Meirelles, diretor da Terceira Diretoria da Anvisa,

abordou a questão sob a ótica regulatória, destacando a importância da diversidade, segurança e acesso nas escolhas de saúde. “Para a Anvisa, não basta atestar a qualidade dos medicamentos; é preciso garantir um ambiente regulatório que ofereça uma ampla gama de serviços e produtos acessíveis”, afirmou. Ele reforçou que a Agência trabalha para permitir escolhas conscientes, promovendo empoderamento e sustentabilidade econômica.

Gilmara Lúcia dos Santos, diretora do Departamento de Prevenção e Promoção da Saúde do Ministério da Saúde,

destacou que, antes mesmo das questões que dependem dos hospitais e profissionais, é fundamental se lembrar que vivemos em um país onde muitas pessoas enfrentam obstáculos econômicos e sociais para conseguir exercer o protagonismo de maneira efetiva. “Não podemos esperar que alguém opte por uma alimentação saudável se não tem recursos para comprar alimentos”, ilustrou.

Ela acrescentou que o empoderamento do paciente precisa acontecer em um cenário que ofereça condições reais para escolhas, apontando a necessi-

dade de abordar o protagonismo de forma multidisciplinar e multissetorial. “Quanto menos vulnerabilidades as pessoas

enfrentarem, maior será a capacidade delas de assumirem um papel ativo na própria saúde”, finalizou.



Martha Oliveira (Laços de Saúde), Gilmara Lúcia dos Santos (Ministério da Saúde), Luciana Holtz (Instituto Oncoguia) e Daniel Meirelles (Anvisa).



O Palco Assistencial trouxe para o debate o impacto dos erros da equipe assistencial e o papel das instituições neste processo.

Transparência e cultura justa contra os eventos adversos

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), 2,6 milhões de pacientes perdem a vida todos os anos devido a erros evitáveis na assistência. Embora esse seja um dos maiores desafios da saúde pública, a identificação precisa das causas e a implementação de soluções eficazes ainda são complexas. Com base nessa realidade, o Palco Assistencial promoveu uma palestra sobre eventos adversos, reunindo especialistas para debater o impacto dessas ocorrências e apresentar estratégias para uma assistência mais segura.

Helidea Lima, diretora de Qualidade Assistencial da Rede D'Or São Luiz, abriu o debate fazendo um alerta e reconhecendo que o ambiente hospitalar ainda expõe os pacientes a riscos constantes. "Os eventos adversos causam [um número de] mortes diárias equivalentes à queda de um avião", comparou, com base no Anuário de Segurança Assistencial Hospitalar do Instituto de Estudos de Saúde Suplementar (IESS), que mostra que os eventos adversos causam aproximadamente 55 mil mortes por ano no Brasil, ou 150 por dia. Ela

ênfaticamente também a importância de tratar esses dados com transparência nos hospitais e alertou que os erros também colocam em risco os profissionais de saúde.

Marcia Costa, diretora-executiva do Hospital Alvorada Moema, concordou que os hospitais ainda enfrentam inseguranças significativas e destacou a importância das notificações para orientar medidas corretivas. No entanto, apontou que a resistência dos profissionais em relatar erros é um desafio. "O medo de se expor ou de perder o emprego impede mui-

tas notificações, mas precisamos combater esse receio. Nem todos os eventos são evitáveis, e envolvimento não significa culpa”, reforçou.

Rodolpho Augusto, médico intensivista diarista do Hospital das Clínicas da FMUSP, apresentou dados preocupantes sobre a frequência de eventos adversos. “Em nosso estudo no Hospital das Clínicas, identificamos que 12% dos leitos de UTI são ocupados por pacientes

internados em decorrência de erros evitáveis”, relatou. Ele também destacou a importância e a necessidade de apoiar os profissionais de saúde envolvidos. “Os profissionais são as segundas vítimas dos eventos adversos e precisam ser acolhidos, não punidos”, afirmou.

Vania Röhsig, do Hospital Moinhos de Vento, comentou o impacto da má formação acadêmica e a necessidade de promover a cultura jus-

ta desde a faculdade. “Nós, por exemplo, já incluímos o tema em nossas unidades de ensino”, revelou. Ela também ressaltou a importância de preparar líderes, inclusive nas pequenas equipes, e mencionou as dificuldades dos recém-formados para conquistar o primeiro emprego e se desenvolver na carreira. Röhsig apontou, ainda, que “não faltam profissionais de saúde; faltam bons profissionais”, chamando a atenção para o desafio de reter talentos.



Helidea Lima (Rede D'Or São Luiz), Marcia Costa (Hospital Alvorada Moema), Rodolpho Augusto (HC-FMUSP) e Vania Röhsig (Hospital Moinhos de Vento).



Welfane Cordeiro, médico consultor de fluxos hospitalares e sistemas de saúde, apresentando o projeto de parceria entre hospitais públicos e privados para combater a superlotação. No palco, Laura Schiesari (FGV-EAESP), Carlos Amílcar Salgado (Ministério da Saúde), Maria Evangelista (Conass) e Vania Bezerra (Hospital Sírio-Libanês).

Integração entre as redes pública e privada é fundamental para um sistema mais eficiente e equitativo

A palestra “Divergências e convergências entre SUS e saúde suplementar” abordou os desafios e oportunidades na coexistência entre os dois sistemas no contexto assistencial. Os especialistas convidados discutiram iniciativas conjuntas que têm gerado bons resultados e apontaram a necessidade de maior articulação para ampliar o impacto das ações.

A moderadora Laura Schiesari, coordenadora do Executive MBA Saúde da FGV-EAESP e consultora do Banco Mundial, reforçou que a colaboração entre SUS e saúde suplemen-

tar é condição para a promoção de um sistema mais equitativo e eficiente. “Nenhum dos setores pode vencer sozinho. A solução passa pela integração, pela definição de papéis claros e pelo trabalho em conjunto”, disse.

Carlos Amílcar Salgado, diretor do Departamento de Regulação Assistencial e Controle do Ministério da Saúde, acredita que, para que essa integração seja eficiente e realmente complementar, “precisamos definir claramente o papel de cada um e articulá-los de forma organizada para enfrentar o subfinanciamento

e avançar na atenção especializada”. E acrescentou que, apesar de o SUS ser a base do atendimento primário, a rede privada possui a maior parte dos leitos de alta complexidade e UTIs. O diretor também destacou, neste contexto, a assimetria entre os segmentos público e privado. “O sistema de saúde é único, mas o investimento privado é maior para atender um público bem menor”, disse.

Maria Evangelista, assessora técnica do Conass, trouxe a importância da planificação da atenção à saúde para combater a fragmentação da

jornada. “Nosso sistema foi pensado para atender pacientes agudos, mas hoje enfrentamos uma realidade de doenças crônicas que exigem coordenação e integração”, explicou. Ela também alertou para o fato de que “metade dos pacientes com diabetes não sabe que tem a doença, e muitos dos diagnosticados não conseguem controlá-la”, o que reforça a necessidade de apoio multidisciplinar, inclusive na atenção primária.

Welfane Cordeiro, médico consultor de fluxos hospitalares e sistemas de saúde, apre-

sentou os resultados do projeto Lean nas Emergências, uma parceria entre hospitais públicos e privados para combater a superlotação. “Desde 2017, mais de 200 hospitais participaram dessa iniciativa, reduzindo em 36% os índices de superlotação e em 40% o tempo de atendimento”, relatou. Ele destacou que a superlotação é um problema global que agrava a condição dos pacientes e causa *burnout* nas equipes. “Precisamos de um método que funcione, e o Lean oferece capacitação e ferramentas para as lideranças enfrentarem o problema

de forma efetiva”, resumiu.

Vania Bezerra, diretora de Compromisso Social no Hospital Sírio-Libanês, defendeu ajustes na cultura organizacional para melhorar a eficiência operacional e reforçou que a mudança precisa começar na liderança. “O modelo hospitalocêntrico perpetua muitos dos problemas que enfrentamos. A alta gestão precisa estar envolvida para que essas transformações aconteçam”, analisou.